
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 27 No.2 2014

A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NA T. I. KAIABI (MT/PA)¹

Meliam Viganó Gaspar²

Este trabalho apresenta os resultados do estudo inicial das características tecnológicas do material cerâmico arqueológico coletado na Terra Indígena (T. I.) Kaiabi, localizada na região do baixo rio Teles Pires (Mato Grosso/Pará). A análise deste material é continuação das atividades desenvolvidas nesta área durante o projeto “*Arqueologia, Etnoarqueologia e História Indígena: um estudo sobre a trajetória de ocupação indígena em territórios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: a terra indígena Kayabi e a aldeia Lalima*”, realizado entre 2006 e 2010, coordenado pela Profa. Dra. Fabíola Andréa Silva e com a colaboração dos indígenas que habitam ambos os territórios.

No primeiro capítulo da dissertação, apresentamos o contexto histórico e arqueológico do Vale do Tapajós, resumindo a dissertação de Alexandre Robazzini de 2013, também relacionada ao projeto anterior. Os levantamentos das fontes bibliográficas históricas sobre a região, feitos pelo autor, mostraram um panorama da dinâmica de ocupação indígena no Vale do Tapajós e também como ainda são poucas as pesquisas arqueológicas realizadas até o momento. Na segunda parte deste capítulo, descrevemos o trabalho de mestrado de Francisco Stuchi de 2010, detalhando como se desenrolou a pesquisa na T. I. Kaiabi, os aportes teóricos utilizados, os procedimentos de escavação arqueológica, a coleta do material cerâmico que analisamos e as conclusões sobre a ocupação indígena na área.

No capítulo seguinte, escrevemos sobre o objeto cerâmico, como ele pode ser estudado a partir de diferentes metodologias e interpretado de diferentes maneiras. Para compreender melhor o que significam os conjuntos cerâmicos neste contexto, analisamos este material com base na noção de cadeia operatória de produção cerâmica (Lemonnier) e nas características de performance dos materiais e objetos (Schiffer e Skibo), entendendo que para cada operação dentro da sequência de produção existe uma escolha feita pela ceramista que é determinada a partir de princípios culturalmente definidos, revelando diferentes modos de se fazer cerâmica, os chamados estilos tecnológicos.

¹ Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (PPGARq-MAE/USP) em novembro de 2014, com auxílio da CAPES e FAPESP, sob orientação de Fabíola Andréa Silva.

² Mestre em Arqueologia e Doutoranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Contato: mmmeli@gmail.com

Em seguida, no terceiro capítulo, mostramos a estrutura de nossa tabela de análise cerâmica e justificamos cada item. Apesar de se tratar de fragmentos, elaboramos a tabela pensando na vasilha completa, ordenando os itens de acordo com a cadeia operatória de produção para visualizarmos em cada etapa quais escolhas foram feitas pelas ceramistas. Para a **procura e tratamento da matéria-prima**, analisamos o *antiplástico* e a *composição da pasta* (feita por uma análise arqueométrica de fluorescência de raio X, realizada pelo Grupo de Física Aplicada com Aceleradores da USP); para as **técnicas de construção da vasilhas**, analisamos a *técnica de manufatura, variante da base, variante de parede, variante de borda, variante de lábio, variante de apêndice, diâmetro da base, diâmetro da boca, diâmetro máximo, altura, espessura, massa, volume, ângulo de inclinação da borda, relação boca/corpo, contorno específico, classe estrutural, forma*; para os **indicativos de queima**, analisamos a *configuração do núcleo, coloração da face interna e externa, marcas de queima*; para os **acabamentos de superfície**, analisamos as técnicas plásticas e cromáticas aplicadas na *face interna, face externa, lábio e apêndice, a posição do acabamento, os grafismos*; para o possível **uso** das vasilhas, observamos a relação entre *forma, antiplástico e função, as marcas de uso*.

Foram analisados 5.635 fragmentos cerâmicos de sete sítios diferentes: Aldeia Coelho (AC), Aldeia Tukumã (AT), Aldeia Dinossauro (DR), Mukuin Caniné (MC), Aldeia Minhocoçu (MI), Taitetu (TT), Ywantã (YA). Os resultados da análise de cada um dos sítios escavados estão descritos em detalhe no quarto capítulo, com os gráficos e tabelas para sintetizar os dados no final. Não pudemos conduzir a análise e a interpretação dos resultados juntamente com os Kaiabi, como foi feito durante a escavação, no entanto deixamos registradas as falas de algumas pessoas que, apesar de não associarem esses vestígios cerâmicos diretamente aos Kaiabi (como fizeram com outros tipos de vestígios), enxergavam nesses fragmentos testemunhos de ocupações indígenas anteriores.

Após a análise inicial, passamos a trabalhar os resultados estatisticamente (no Instituto de Matemática e Estatística da USP) para, juntamente com os resultados da análise do capítulo anterior, nos auxiliar na formação de conjuntos cerâmicos. No quinto capítulo, decidimos apresentar **quatro conjuntos** que, neste momento de estudos iniciais, seguem uma classificação baseada nos atributos que se revelaram diagnósticos e que representam algumas das principais escolhas feitas pelas ceramistas durante as etapas de produção das vasilhas: *antiplástico, composição da pasta, coloração da face interna e externa, acabamentos de superfície da face interna, externa e do lábio*. Apesar dos poucos fragmentos diagnósticos de aspectos morfológicos, este atributo também apontou para uma caracterização interessante de alguns conjuntos, nos permitindo comparações com outras cerâmicas da região.

A partir do reconhecimento desses conjuntos como diferentes estilos tecnológicos, sua descrição é feita do ponto de vista da cadeia operatória e das características de performance do artefato. Assim, acreditamos que a abordagem que escolhemos utilizar neste trabalho foi bastante interessante para pensar que a variabilidade deste material pode ser compreendida além de uma tipologia cerâmica. Os quatro conjuntos descritos aqui configuram estilos tecnológicos

diferentes, no entanto é preciso aprofundar sua análise e caracterização para melhor compreender em que medida eles realmente se separam associando-se a: 1) grupos culturais produzindo cerâmicas de modo diferente; 2) diferentes segmentos de um grupo cultural produzindo cerâmica de modos diferentes; 3) divisões temporais; 4) funcionalidade das vasilhas; 5) outras possibilidades.

A partir dos resultados da análise cerâmica, voltamos ao contexto descrito no primeiro capítulo e pesquisamos as características dos conjuntos cerâmicos arqueológicos e etnográficos já descritos para o Vale do Tapajós. Nesse último capítulo, fazemos uma comparação entre estes conjuntos artefatuais e os nossos conjuntos cerâmicos arqueológicos, propondo algumas possíveis relações que poderiam ser pesquisadas com maior profundidade em trabalhos futuros.

Finalizamos esta pesquisa retomando a história indígena de longa duração a partir do contexto cerâmico na T. I. Kaiabi, esperando ter contribuído para o conhecimento do patrimônio arqueológico e cultural nesta área da Amazônia Meridional e para que o modo de vida dos Kaiabi e outros povos indígenas na área sejam respeitados. Deixamos registradas diversas propostas para o aprofundamento do estudo da cerâmica arqueológica nesta área, refinando os conjuntos propostos. Mesmo que a análise do material arqueológico tenha sido feita no laboratório em São Paulo, longe dos Kaiabi, as questões e pressupostos de uma Arqueologia Colaborativa, presentes no projeto do qual decorreu este trabalho, estiveram sempre presentes na pesquisa, permitindo que um dos possíveis caminhos para o aprofundamento desta análise incluía, também, interpretações indígenas sobre o material.

Palavras-chave: Kaiabi, Tecnologia, Cerâmica.